

Síndrome de Buridan

Jota Alcides

Editor-Chefe

Histeria e pânico no mercado financeiro. Juros bancários a 2.800 por cento, 3.500 por cento e até 4.000% ao ano. O Governo aposta nos juros altos e define o nervosismo como produto gerado pelos especuladores. Dólar no câmbio negro a Cr\$ 750, Cr\$ 850 e Cr\$ 1.050. Terror de boatos sobre um novo choque econômico e outro congelamento de preços. Grama de ouro a Cr\$ 9.500, Cr\$ 10.200 e Cr\$ 11.300. Apreensão crescente dentro do Congresso Nacional. Escalada da inflação acelerada, chegando ao índice de 24 por cento mensal. Empresários avaliam o cenário como "generalizada falta de confiança da sociedade". O medo da hiperinflação alcança novamente o sentimento das ruas, como a tensão que vira angústia em argumento do escolástico francês Jean Buridan.

Carregados de atribuições para o Governo e de inquietações para o povo, os últimos três dias, agitados pelas reações do mercado financeiro surpreendendo o Governo e causando perplexidades, trouxeram, como num filme já visto, as expectativas preocupantes de que o Brasil está correndo riscos reais de descontrolar total da economia e mergulhando em crise profunda. O aspecto novo e impactante seria o agravamento, o aprofundamento, porque, na verdade, a crise geral vem se arrastando ao longo dos anos mais recentes da história brasileira.

Menos importa se esta crise atual é maior ou menor do que outras ultrapassadas e também vividas como sérias e graves. Mais incomoda, perturba e causa aflição é o evidente fato de que o Brasil parece estar ficando sufocado por uma crise ampla, na realidade um acúmulo de crises, política, econômica, social, cultural e moral, e exausto de tantas esperanças e ilusões que se perderam nos últimos sete anos, desde 1984, sem

ter reencontrado o caminho da tranquilidade social e da prosperidade econômica.

Perderam-se as esperanças e as ilusões das **Diretas Já**, que produziram a maior mobilização de massas na história do País com os brasileiros em memoráveis jornadas cívicas ocupando ruas, largos e praças em nome da redemocratização política e defendendo bandeiras de justas causas sociais para a transformação nacional. Perderam-se as esperanças e as ilusões da **Nova República**, inspiração de Tancredo Neves que reacendeu nos corações brasileiros as chamas do patriotismo. De forma intensamente dolorosa, com ele foram literalmente enterrados os sonhos de um novo tempo. Perderam-se as esperanças e as ilusões do **Plano Cruzado**, realmente revolucionário na economia nacional, com a direta e decisiva participação do povo que, em nome do presidente José Sarney e com autorização dele, até fechou supermercados sob aplausos de uma Nação eufórica. Perderam-se as esperanças e as ilusões do **Plano Collor** que sacudiu o País com uma experiência traumática do confisco da poupança, sob a aprovação de uma maioria confiante de que estavam sendo adotadas medidas seguras, energéticas e doloridas, mas necessárias e duradouras para construção de um Brasil Novo. Depois de tudo isso, como se todos os sacrifícios tivessem sido em vão, o Brasil está outra vez acuado, atônito, diante das garras de uma inflação indomável e imbatível.

E agora? Como na síndrome de Buridan, em que a exaustão pela sede e pela fome acaba causando tormento diante da satisfação primeira e urgente, o Brasil de hoje, mesmo sob descrenças e sinistroses, volta já a esperar, ansiosamente, o surgimento de novo sonho e de nova esperança que possam tirá-lo do suplício e realizar, definidamente, suas ardentes aspirações. Afinal dizia Voltaire, ao veneno do memo sempre se mistura o alimento da esperança.